



Mitógrafo de Paradoxos – De que maneira o Legado de Friedrich Kittler Importa

Hans Ulrich Gumbrechtⁱ (Stanford University)

Tradução de Sueli Cavendishⁱⁱ (UFPE)

As palavras de despedida de Friedrich Kittler, em 15 de julho de 2011, proferidas no edifício original do instituto de História Cultural e Teoria da Universidade Humboldt em Berlim, onde ele ensinara durante os últimos dezoito anos de sua carreira acadêmica, não estão por certo entre as suas referências intelectuais mais importantes. Ao contrário, elas pertencem àqueles documentos cujo status e relevância específicos dependem da relação temporal com os marcos da história de vida de seus autores. A morte de Kittler em 11 de Outubro de 2011, transformou o improvisado “Discurso de *Sophienstrasse*” em seu ultimo pronunciamento publico e assim deu-lhe a aura de um legado. O que ele disse aos seus alunos e a alguns colegas naquela ocasião é um retrato aleatório, que, devido à perspectiva dramática, porque póstuma, pela qual nos manifesta a sua personalidade, tornou-se um monumento. Como monumento e legado, quero falar sobre aquelas sentenças pronunciadas pouco antes do fim da sua vida por um dos mais queridos e admirados amigos da minha própria geração de professores e intelectuais.

De variadas maneiras essas palavras mostram Friedrich Kittler como um homem de paradoxos, como alguém em cujo comportamento e estilo algumas opções e valores que pareciam mutuamente excludentes haviam se tornado traços complexos, idiossincráticos e sumamente atraentes. Esses paradoxos possuem o potencial de explicar porque

acadêmicos e intelectuais vindos das mais diversas orientações frequentemente convergem em sua fascinação pela obra de Kittler - uma obra ligada à sua personalidade de modo especialmente intenso. Por exemplo, não há gesto mais germânico nem mais classicamente acadêmico no endereçamento a um grupo de estudantes do que começar com uma citação em grego antigo de autor extremamente canônico, uma citação com a qual o professor gentilmente sugere que todos devem estar familiarizados. Desde seus primeiros anos como professor graduado na universidade de Bochum, Friedrich Kittler havia abraçado e mesmo revitalizado o papel cerimonioso do germânico "Ordinarius" (professor Titular). Num tempo em que os debates em seminários pareciam cada vez mais ser a forma política e pedagogicamente necessária de ensino, ele cultivou o gênero da aula autoral e autoritária ("Vorselung") pela leitura de primeiros manuscritos e capítulos de livros futuros para os seus alunos, algumas vezes em velocidade aumentada. Ele o fazia vestido com ternos listrados, adornado por gravatas caras, e usualmente usava o formato de duas horas de aula, interrompidas por uma pausa para um cigarro a que ele se concedia (e que já era uma provocação contra o politicamente correto).

Mas esse retorno deliberado a uma tradição germânica superior (e, em Berlim, até mesmo prussiana) era a iniciativa de um professor que, ao fim do seu termo como um "Wissenschaftlicher Assistent", um professor visitante, ou um professor substituto (por oposição a professor efetivo), na Universidade de Freiburg, tinha visto o manuscrito do seu segundo livro (uma primeira versão do que viria a se tornar "A Rede do Discurso") rejeitado como texto para um exame de qualificação para a posição acadêmica de "habilitado", até então uma pré-condição necessária a qualquer posição acadêmica efetiva.

Hoje não há dúvida, mesmo entre os seus antigos inimigos acadêmicos, que o livro de Kittler produziu essa reação tão negativa devido ao seu potencial excepcional de inovação paradigmática – mas permanece um notável paradoxo que um intelectual que havia sido levado a uma posição existencialmente precária e mesmo humilhante pela rigidez do sistema acadêmico alemão viesse a ser um dos protagonistas de uma tentativa de dar a esse mesmo sistema nova vida intelectual e institucional. Para mim – e provavelmente para o próprio Kittler – sua prática de ensino parecia a última e particularmente bela encarnação do que Wilhelm von Humboldt, então secretário de Estado da Prússia, deve ter imaginado, por volta de 1810, que viria a ser o núcleo de uma vida acadêmica futura, em suas famosas notas sobre a fundação de uma universidade em

Berlim. Este era um professor tão desejoso de ser cercado pelos estudantes quanto os estudantes de serem expostos à sabedoria do professor, porque a sua co-presença, a co-presença de suas distintas tonalidades de entusiasmo intelectual, era, para Humboldt, a única e necessária condição da qual a inovação intelectual podia surgir. Era o prazer da aprendizagem e o prazer do ensino combinados na simultaneidade de uma forma forma de vida, a forma de vida que estava sempre consciente de sua importância e dignidade.

Outro paradoxo amável que podemos traçar a partir do perfil de Kittler identificável no texto do "Sophienstrasse" é a insistência, principalmente ao final de suas palavras, sobre o uso exclusivo da língua alemã. Sem qualquer dúvida havia um viés contra uma tendência que apenas se iniciava no sistema acadêmico alemão (hoje até mais forte do que era há apenas alguns anos atrás) a sistematicamente promover a língua Inglesa como meio de uma mal compreendida "internacionalização". Se Kittler muito dramaticamente associava esse desenvolvimento a uma "aniquilação do conhecimento", não creio que esse compromisso heideggereano em favor de uma "língua mãe" como a maneira exclusiva de dizer que "a melhor que conhecemos" era apenas ou mesmo predominantemente compreendida de forma exclusivista. Ao começar seu discurso com uma citação no grego antigo e cedendo à crença imaginária que existira desde o Romantismo, de uma afinidade frutífera entre o Grego antigo e a moderna cultura germânica, o valor que verdadeiramente vinha ao prosclênio era a autenticidade – autenticidade em qualquer língua e de qualquer língua. Reagindo fortemente ao patuá ou quaisquer versões híbridas de todas as línguas naturais, Friedrich Kittler queria ser o campeão da autenticidade e por consequência polemizar contra todas as formas contemporâneas de usar a língua germânica que ele achasse demasiado relaxadas e assim desrespeitadoras da aura vinda de sua tradição. Ao mesmo tempo, sua fascinação por todas as outras línguas e culturas no (que considerava ser) suas formas autênticas era generosa e de fato sublime em sua potencialmente infinita amplitude. Ele era capaz de ler textos clássicos em diversas línguas europeias (sobretudo nas línguas do tronco romano) – de tal forma que um sabor de cosmopolitanismo sadio terminava por se tornar uma dimensão central de sua identidade intelectual.

Nas sentenças finais de seu último discurso público também encontramos traços de uma attitude anti-americana cada vez mais impossível de ignorar à medida que avançava a vida de Friedrich's Kittler. Refiro-me por exemplo à sua alusão a um "império cuja decadência a comunidade européia simplesmente não quer aceitar." É igualmente difícil,

todavia, identificar em seu discurso um contra princípio positivo que servisse de base à sua crítica. De modo algum ela repousa na atitude implicitamente pacifista que começou a prevalecer entre os intelectuais europeus durante o fim do século vinte – nem nas comuns condenações do capitalismo. Ao contrário, Kittler admirava tanto a complexidade intelectual investida na tecnologia militar do seu tempo quanto os primeiros estágios da tecnologia eletrônica e sua indústria nos Estados Unidos. Ao invés de engajar-se em formas de resistência política contra tais desenvolvimentos, ele tendia a vê-las como uma nova forma de destino que de que a humanidade não podia escapar. Visto do ângulo desse terceiro paradoxo, Friedrich Kittler poderia parecer tanto antimilitarista quanto – especialmente em sua fascinação pela tecnologia militar da Alemanha Nazista, provocadoramente distanciado das posições dos seus colegas politicamente corretos.

Todas essas aparentes contradições, que terminaram se combinando em traços de caráter bem delineados, enigmáticos e portanto atraentes na experiência dos alunos de Kittler, dos colegas e amigos (e nos lembramos de muitas outras), todas essas contradições se baseavam numa semelhante tensão estrutural que pode ter sido fundacional para a sua apresentação de si. Ele nunca falava do passado, sobre detalhes de engenharia, e mesmo sobre posições filosóficas ou argumentos sem implicar a mais forte possível afirmação de “faticidade” – e esse gesto, ou seja, tentar dar tanto aos pequenos detalhes quanto às grandes teses um status quasi empírico, pode ter sido o principal motivo pelo qual Kittler gostava tanto de dar aos seus argumentos e posições filosóficas sustentação matemática. Mas ao mesmo tempo ele nunca hesitava em conectar detalhes e anedotas de sua vida privada com tais promessas de faticidade, por exemplo quando ele mencionou, em passant, que “tocar o saxophone” aos dezoito anos for a “origem” (e ele usava a favorite noção de Ursprung aqui) de sua “ciência da media.” Falar como se fosse “en passant” significava, no ensino de Kittler, que ele agia como se os estudantes fossem velhos amigos, familiarizados com os detalhes de sua vida e de sua privacidade que ele nunca realmente revelava, nem mesmo a seus companheiros de longa data. Assim ele parecia próximo e entretanto afastado de sua audiência, devido a uma aura acadêmica e intelectual que apenas se tornou mais intensa à medida que seu corpo parecia cada vez mais frágil durante os anos finais em Berlim.

Juntas, essa distância e essa proximidade formavam uma estrutura específica

forneendo certeza e excitação, não apenas para os estudantes mais jovens, através dos quais a presença física de Friedrich Kittler produzia a impressão, para aqueles que gostavam de ouvi-lo, de estar na presença potencial de grandes eventos intelectuais. “Invocando uma bênção dos deuses Gregos e divindades” sobre os seus alunos (este é um gesto com o qual, diferentemente daqueles dos deuses monoteístas, figuras como Zeus e Hera, Athena e Apollo nunca tinha sido associados) Friedrich Kittler concluiu seu último discurso público encenando seu momento como um tempo de epifania intelectual decisiva no mundo acadêmico das Humanidades: “Creio que talvez, ao tempo em que a filosofia é ameaçada de tornar-se uma disciplina meramente história, a ciência da media é uma oportunidade, uma oportunidade singular, de continuar a pensar e continuar a considerar a história da Europa como nossa história.”

Todos esses atraentes paradoxos com seus efeitos carismáticos encontraram seu terreno e sua articulação diacrônica em duas dinâmicas discursivas que atravessaram a obra de Friedrich Kittler e convergiram na impossibilidade de sua própria mediação e reconciliação. Se considerarmos seu livro agora clássico “Aufschreibesysteme”, de 1985 (cuja tradução em inglês, com uma importante introdução de David Wellbery, apareceu em 1990) como a obra com a qual ele avançou de uma análise das condições para a escrita e leitura literária em torno de 1800 para um nível verdadeiramente inovador de história da mídia, fundado na história da tecnologia, então podemos ver, em retrospecto, como a obra seguinte, “Gramofone Filme Máquina de Escrever” de 1986, marcou o começo de uma nova energia narrativa com uma específica tonalidade que logo tornou-se agudamente apocalíptica. Podemos também traçar uma lógica específica em seu discurso (Kittler naturalmente afirmaria que era uma lógica inerente à história do século XX, em particular a história da tecnologia militar), uma lógica apontando para um ponto zero onde a tecnologia deveria deixar a humanidade sob – literalmente – insustentáveis condições existenciais. A visão central e o pesadelo, ilustrados e questionados em muitos ensaios durante a década entre meados de 1980 e meados de 1990, era que o Sistema de aparato eletrônico e seus circuitos produziram todos os parâmetros relevantes para a condição humana enquanto tornavam-se crescentemente e, em última instância, completamente independentes do pensamento e agenciamento (e até inacessíveis a eles). Em alguma medida, Kittler se referia a esse panorama a só um tempo deprimente e repressor construído em chips de silicone como “a noite da substância”, uma noite que em sua visão era impenetrável àqueles

equipamentos e dispositivos de interface amigável estavam começando a iluminar o Mercado eletrônico durante o mesmo momento histórico.

Tanto em termos de sua lógica interna quanto no discurso de tom invariavelmente dramático de Kittler, essa visão marcava um ponto final no qual o agenciamento humano cessaria, mas que também teria que silenciar toda linguagem humana, quer tentasse fazer sentido do passado ou especular sobre um possível futuro humano. Não foi então por coincidência que, tanto numa reação muito plausível quanto talvez até mesmo “lógica” e num movimento de descontinuidade radical (que pode ter sido a origem latente dos paradoxos formadores de sua identidade) Friedrich Kittler, em torno de 1995, começou concentrar-se num subsequente impulso narrativo diferente que o levaria de volta no tempo até a invenção da escrita linear na Grécia antiga – e então cedo inspirar o esboço de uma nova história monumental sob o título de *Musik und Mathematik*, destinada a avançar, em oito volumes, até nosso presente apocalíptico. A morte deu-lhe tempo apenas para dois desses oito volumes, com a segunda parte mostrando traços claros e dolorosos da fraqueza crescente que se transformou em impaciência, até com a matéria sobre a qual escrevia.

Não sabemos se Kittler esperava que essa visão final do seu trabalho, em sua realização, desse ao presente uma nova e cronologicamente mais profunda genealogia que aquela baseada no século XIII em “*Aufschreibesysteme*,” e se deveria lançar uma luz menos deprimente sobre o mundo contemporâneo que seus ensaios de 1980 e do começo dos anos 90. Sabemos, contudo, da primeira parte de “*Musik und Mathematik*, publicada em 2006 (e nunca traduzida até o momento) e de um número de textos precedentes sobre a antiga cultura grega, que o novo e inacabado projeto começava com uma intuição que não era somente menos estéril que a descrição de Kittler do final do século vinte e começo do vinte e um até o presente, mas (em minha leitura, ao menos) tinha mesmo uma opulência existencial formada por gestos e tons ontológicos. A escrita linear aparecia como um presente das Musas, como um presente feminino permitindo agregar, em seus respectivos sistemas de notação, os ritmos da música e os da linguagem prosódica; o ritmo provocaria então a emergência da matemática grega, e a matemática grega era vista como tendo sido fundacional para uma concepção quase cosmológica na qual o mundo parecia acima de tudo como um espaço físico formador de montagens de coisas e corpos. Somente o próprio Friedrich Kittler poderia ter decidido se esse começo era projetado para ser uma decolagem

a mais num caminho destinado a terminar, novamente, no patamar mais baixo de uma “noite da substância” ou, ao invés, um contraponto mais otimista, inaugurando uma oscilação estranha e fascinante entre uma abertura para o mundo de coisas técnicas e naturais e uma aguda reflexão destinada a penetrá-lo. Creio que é essa oscilação que cada vez mais foi responsável pela prática de ensino de Friedrich Kittler e por seu específico carisma – até o discurso de adeus no *Sophienstrasse*.

Todas essas intuições e visões poderosas pareciam prometer uma convergência final – mas nunca cumpriram essa promessa, razão pela qual, desde alguns anos e até agora tive a ideia (penso mesmo que seja um insight) de que Friedrich Kittler era um dos poucos – e um dos pouquíssimos mesmo – mitógrafos do nosso tempo, não apenas nos tópicos e grandes narrativas (master narratives) que assombram em seus livros e por trás dos seus ensaios, mas, também, e implicitamente, em sua persona pública e na aura que a circundava. Essa ideia poderia ser mal compreendida como uma crítica devastadora a um autor cujo quadro de referência institucional era a universidade, com seus compromissos com a Verdade – mas eu não associo a palavra “mitógrafo” a uma livre invenção de narrativas e de seus elementos constitutivos. As histórias e visões de Kittler, algumas vezes elementares, outras vezes extremamente complexas, se baseavam em sua vasta erudição, tanto no mundo da literatura e da filosofia, quanto no da ciência e da tecnologia, e eram organizadas por sua inteligência lúcida; ao mesmo tempo, um desejo as permeava de unir fatos e estruturas do conhecimento em configurações que podem responder a nossos desafios e esperanças existenciais específicos no tempo presente. Suas obras nunca fornecem respostas ou soluções, mas trazem à superfície contornos de um mundo complexo, que evocamos em nossa imaginação, contornos de um mundo que pode nos tornar capazes de elaborar nossos mais prementes desafios e esperanças. Não há caminho suave ou mesmo transição sistemática, por exemplo, da “noite da substância” para a invenção da escrita linear na Grécia antiga e de suas felizes consequências, mas sua copresença, tanto quanto a copresença de conceitos opostos a partir de tantos outros paradoxos, pode se tornar uma fonte de inspiração intelectual e energia existencial nos arranjos mitológicos de Kittler.

Levado por tal energia, Friedrich Kittler há tempo deixara para trás (ou talvez simplesmente esquecera) aquelas coordenadas acadêmicas menos sublimes que encorajam muitos acadêmicos a tentarem distinguir entre a Esquerda política e a Direita política, entre

ser etnocêntrico ou verdadeiramente descentrado, e também entre estar certo ou errado em certos julgamentos abrangentes. Havendo transcendido esse quadro de referências familiar, Kitler foi exposto ao risco de uma ambiguidade que o fez parecer quase “fascista” a alguns de seus leitores enquanto outros queriam vê-lo como um campeão lutando contra a “repressão social.” Da perspectiva dessa ambiguidade e a despeito de todos os contrastes biográficos, o legado de Kitler tem uma afinidade com a obra de Martin Heidegger (especialmente em seu segundo estágio), que ele tanto admirava. No final o legado de Kitler é sobre a questão de quais as opções de vida que a tecnologia dos dias atuais deixa à condição humana. Mais que os textos de Heidegger, naturalmente, a obra de Friedrich Kittler oferece a possibilidade de trabalhar essa questão em narrativas históricas e imagens, ao invés de em conceitos e argumentos.

ⁱ **Hans Ulrich Gumbrecht** é teórico da literatura, cujo trabalho abrange a filologia, a filosofia, história literária e cultural e as epistemologias do cotidiano. Professor da Stanford University desde 1989, ocupa a cátedra Albert Guérard, nos Departamentos de Literatura Comparada, Francês e Italiano da Divisão de Literaturas, Línguas e Culturas. É também afiliado com os departamentos de Estudos Germânicos, Cultura Ibérica e Latino Americana e com o Departamento de Pensamento moderno e Literatura.

ⁱⁱ **Sueli Cavendish de Moura**, ensaísta, tradutora, professora de literaturas de língua inglesa, editora-chefe de *Eutomia*.